

## **Lições de casa no *Facebook*: uma estratégia pedagógica alternativa no ensino fundamental**

Homework on the *Facebook*: an alternative pedagogical strategy in elementary school

Diógenes Gewehr<sup>1</sup>

Wolmir José Böckel<sup>2</sup>

Andreia Aparecida Guimaraes Strohschoen<sup>3</sup>

**Resumo:** Estamos em meio a uma geração altamente conectada, decorrente da popularização da *Internet*. Esta trouxe consigo as redes sociais, com destaque para o *Facebook*. Sabendo do interesse dos adolescentes por essa rede social e percebendo que cada vez menos os estudantes têm realizado as lições de casa propostas pelos professores, este estudo teve o intuito de: propor atividades extraclasses diferenciadas com o uso da tecnologia; comparar a realização das lições de casa solicitadas em papel com as publicadas na rede social; verificar se os estudantes iriam demonstrar interesse na realização das lições de casa se estas fossem disponibilizados no *Facebook*; avaliar o potencial do *Facebook* como ferramenta pedagógica alternativa de ensino e aprendizagem. Para isso, foi realizado, através de uma abordagem quanti-qualitativa, um estudo de caso com 21 estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Lajeado/RS/Brasil. Foram disponibilizadas aos estudantes, na disciplina de Ciências, atividades pedagógicas em duas modalidades: meio impresso (xerocópia) entregue em sala de aula, e meio digital (*Facebook*), disponibilizadas em um grupo fechado, restrito ao professor e estudantes. Apenas 38% dos estudantes realizou, pelo menos, uma das atividades nas modalidades propostas. Destes, menos de 10% realizou as tarefas em ambas modalidades. Ainda que a adesão dos estudantes na realização das lições de casa tenha sido baixa, acreditamos que a rede social *Facebook* apresenta potencial como ferramenta pedagógica, já que os destaques da pesquisa ocorreram na modalidade digital (62%), sendo necessários estudos mais aprofundados sobre o assunto.

**Palavras-chave:** Tema de casa; Extraclasse; Rede Social.

**Abstract:** We are in the midst of a highly connected generation, due to the popularization of the Internet. It brought social networks, especially Facebook. Knowing the interest of adolescents in this social network, and realizing that fewer and fewer students have done their homework proposed by teachers, this study aimed to: propose differentiated extracurricular activities with the use of technology; compare the accomplishment of the requested homework on paper with those published on the social network; verify if students would show interest in doing homework if it were available on Facebook; evaluate the potential of Facebook as an alternative teaching and learning pedagogical tool. For this purpose, a study case was conducted with 21 students in the 8<sup>th</sup> grade of Elementary School of a public school in the municipality of Lajeado/RS/Brazil through a quantitative and qualitative approach. The students were offered, in the subject of Science, pedagogical activities in two ways: printed material (Xerox copy) handed out in the classroom, and digital media (Facebook), available in a private group, restricted to the teacher and students. Only

<sup>1</sup> Doutorando em Ensino. Bolsista integral Capes na Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES). Graduação em Biologia (ULBRA, 2006); Especialização em Gerenciamento Ambiental (ULBRA, 2008); Especialização em Docência no Ensino Superior (UNIASSELVI-PÓS, 2014) e Mestrado em Ensino (UNIVATES, 2016). E-mail: diogenes.gewehr@universo.univates.br

<sup>2</sup> Doutorado em Química pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestrado em Química pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003). Graduação em Química Industrial pela Universidade de Santa Cruz do Sul (1998), formação pedagógica em Química Licenciatura Plena pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2000). E-mail: wjbockel@univates.br

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Ciências Biológicas e da Saúde da UNIVATES como professora adjunta nos cursos de graduação e pós-graduação. Doutorado em Ciências: Ecologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2011) Mestrado em Biologia Animal pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2002). E-mail: aaguim@univates.br

38% of the students accomplished, at least, one of the activities in the proposed modalities. Of these, less than 10% performed tasks in both modalities. Even though the students' adherence in doing homework was low, we believe that the social network Facebook has potential as a pedagogical tool, since the highlights of the research occurred in the digital mode (62%), more detailed studies on the subject are needed.

**Keywords:** Homework; Extracurricular; Social Network.

## Introdução

As tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) popularizaram-se expressivamente nos últimos anos e a *Internet* democratizou-se na sociedade, trazendo consigo as redes sociais. Com a velocidade na qual os dados são enviados, é possível a troca de informações em tempo real, aproximando pessoas distantes que, sem esta tecnologia, dificilmente fariam ou manteriam contato (CANABARRO; BASSO, 2013). Mattar (2013) diz que redes de contatos sempre existiram na sociedade, contudo, com a expansão das redes sociais on-line, as possibilidades de interações aumentaram significativamente, rompendo barreiras físicas e geográficas.

Dentre as diversas redes sociais que a *Internet* disponibiliza, o *Facebook* é a mais popular em todo o mundo (STATISTA, 2017). O *Facebook* tem despertado a atenção de muitos pesquisadores por apresentar componentes que facilitam a socialização, podendo ser utilizado como aliado nos processos de ensino e de aprendizagem (SILVA; SALGADO, 2016). Sabendo do interesse dos adolescentes por esta rede social e percebendo que cada vez menos os estudantes têm realizado as tarefas extraclasse propostas pelos professores, as chamadas “lições”, “deveres”, “tarefas” ou “temas” de casa, o presente estudo teve o intuito de verificar qual seria a aceitação dos estudantes caso as atividades fossem disponibilizadas no *Facebook*, uma vez que estão familiarizados com este ambiente (BEZERRA; BRITO, 2013), o que poderia favorecer o interesse em realizar as tarefas.

Assim, foram propostas aos estudantes de uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental, tarefas integradas ao *Facebook*. Foram disponibilizadas, na disciplina de Ciências, atividades pedagógicas em duas modalidades: meio impresso (xerocópia) entregue em sala de aula, e meio digital (*Facebook*), através de postagens em um grupo fechado, restrito ao professor e estudantes. Tais estratégias foram planejadas de modo a: propor atividades extraclasse diferenciadas com o uso da tecnologia; comparar a realização das lições de casa solicitadas em papel com as publicadas na rede social; verificar se os estudantes iriam demonstrar interesse na realização das lições se estas fossem disponibilizadas no *Facebook*; avaliar o potencial do *Facebook* como ferramenta pedagógica alternativa de ensino e aprendizagem. Na sequência, são apresentados embasamentos teóricos que sustentam as ideias deste estudo.

## Fundamentação teórica

### Lições de casa na contemporaneidade

Mesmo diante de tantas inovações tecnológicas, a realidade de muitas escolas mantém-se semelhante como há décadas atrás. Centraliza-se os ensinamentos na figura do professor, detentor do conhecimento, que

## Lições de casa no Facebook: uma estratégia pedagógica alternativa no ensino fundamental

repassa conteúdos aos estudantes que os recebem sem muitos questionamentos, fazendo uso de estratégias que envolvem basicamente cópia e reprodução de conteúdos a partir do quadro ou livro didático (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2007). Para Moran (2000), Fontana e Cordenonsi (2015), tem-se a impressão de que as formas de ensinar estão ultrapassadas e que as estratégias de ensino e aprendizagem não fazem mais sentido, causando desmotivação em estudantes e professores. Os autores citados fazem referência aos chamados “métodos tradicionais” de ensino e de aprendizagem, focados em aulas expositivas por parte do professor e receptivas por parte dos estudantes.

Em tempos tecnológicos, o uso das mídias digitais pode contribuir positivamente em sala de aula, ajudando os professores a interagirem de forma diferenciada com os estudantes, “nativos digitais”<sup>4</sup> (PRENSKY, 2001). A formação de grupos nas redes sociais é uma possibilidade para tal interação, pois funciona de forma parecida a um grupo de estudos tradicional, onde estudantes e professores podem compartilhar informações úteis para as atividades dentro e fora da sala de aula (ALENCAR; MOURA; BITENCOURT, 2013).

Fontana e Cordenonsi (2015) citam que recursos diversificados como imagens, gráficos, vídeos, sons, entre outros, os quais estes autores chamam de *objetos de aprendizagem*, são ferramentas didáticas que estimulam o interesse dos estudantes, tornando o ambiente mais atrativo e interessante, podendo, assim, permitir uma exploração mais rica dos conteúdos e potencializar a aprendizagem, uma vez que as possibilidades atualmente são muitas, conforme citam André e Santo (2013, p. 239):

[...] precisamos ser otimistas e aproveitar este contato que o jovem vive atualmente com o mundo, como aliado no processo ensino-aprendizagem, basta que o professor seja criativo e dedicado. O aluno possui as ferramentas principais para esta mudança e já chegam plugados nos mais modernos aparelhos tecnológicos acoplados às câmeras digitais, MP3, comunicadores sociais, telefones celulares conectados à Internet, e o que é mais interessante, gostam de lidar com estes aparelhos e descobrir as novidades, satisfazendo assim, suas curiosidades.

Os autores citam, através de exemplos, os diversos aparatos tecnológicos que se disseminaram em meio a população, podendo, conforme forem explorados, facilitar os processos de ensino e de aprendizagem. Para Mendes (2013, p. 13), esse acesso facilitado e “ilimitado” à informação “é novo, muito novo. Na verdade, esta é a primeira geração na história da humanidade que se pode, durante os anos escolares, encontrar instantaneamente a resposta a praticamente qualquer pergunta feita em sala de aula sobre os conteúdos curriculares”. Diante disto, este autor traz à tona uma pergunta feita, muitas vezes, pelos estudantes: “por que motivo estudar?”

Há alguns anos atrás, sem a internet e sua busca instantânea, uma boa resposta para os jovens seria: “é preciso estudar e saber tudo o que é ensinado na escola, pois essa é a grande oportunidade para aprender uma série de coisas que, um dia, poderão ser úteis no seu futuro, seja na vida profissional, pessoal ou pública”. Entretanto, hoje em dia, a resposta do aluno a essa justificativa é simples: “Ora, se eu precisar no futuro, procuro no Google!” (MENDES, 2013, p. 14).

O que Mendes (2013) questiona é que na era da informação perguntas como essa não se satisfazem

<sup>4</sup> São considerados nativos digitais aqueles nascidos em meio às tecnologias, uma geração que não conhece o mundo sem a presença dos aparatos tecnológicos digitais. PRENSKY, Marc. **Digital natives, digital immigrants**. On the Horizon. NBC University Press, v. 9, n. 5, oct. 2001.

mais apenas pela “necessidade futura”. Também não adianta para os pais ou professores se basearem em justificativas do seu tempo, pois o que era válido em suas criações pode não fazer mais sentido na atualidade.

Além das questões do “*por que estudar?*”, ouve-se com frequência, no ambiente escolar, os estudantes questionarem a real necessidade de o professor cobrar o tema de casa, o qual muitas vezes é uma mera repetição do que se viu em aula, sendo considerado por muitos estudantes como algo “chato”, só para “tomar tempo” ou mesmo como um “castigo” ou “obrigação” (PADIAL, 2013; FUJIMOTO; MARTINS, 2013). Padial (2013) chama a atenção que tais questionamentos não se restringem aos estudantes. Segundo este autor, os professores alegam não ter tempo para corrigir as lições de casa, pois estas ocupam parte das aulas, as quais nem sempre são suficientes para “dar conta” do conteúdo a ser “vencido” no ano letivo.

Entretanto, outros professores têm uma visão mais abrangente da educação, não se limitando a atividade proposta, vislumbrando o tema de casa como

[...] uma proposta de educação mais moderna, que se preocupa em formar o aluno como cidadão completo, para a vida, e não para competições e classificações. O foco está em desenvolver a criatividade, interesses e aptidões do aluno, não mais em decorar fórmulas e conteúdos que, muitas vezes, são esquecidos logo após os testes, por não terem nenhuma aplicação no dia a dia. Nesta nova proposta, o dever de casa assume outro formato, voltado para objetivos mais amplos [...] (LIMA, 2013, p. 12).

Se bem conduzido, o dever de casa pode aguçar a curiosidade do estudante em aprender mais, oportunizando uma maior independência e autonomia na busca por informações. Para Padial (2013, p. 2-3), o primeiro passo da lição de casa é esclarecer que, ainda que seja trabalhosa para planejar e corrigir, contribui:

No processo de aprendizagem para: Desenvolver a autonomia e a responsabilidade [...]; Provocar a reflexão sobre a própria formação [...]; Praticar as habilidades aprendidas [...]; No processo de ensino, as lições são usadas para: Replanejar as aulas com base na avaliação da aprendizagem [...]; Planejamento da formação [...].

Como pode ser observado, os temas de casa propiciam benefícios nos processos de ensino e de aprendizagem, para estudantes e professores. Carvalho (2006, p. 87) pondera que os deveres de casa oportunizam, ainda, aptidões cognitivas “de ordem psicológica e moral: construção da independência, autonomia e responsabilidade do estudante”, decorrente de hábitos rotineiros de estudos.

Acreditando na proposta defendida por Lima (2013), enfocada no desenvolvimento de atividades partindo do interesse dos estudantes, bem como nas aptidões citadas por Carvalho (2006), pautadas na autonomia dos estudantes, este estudo evidencia uma proposta alternativa para a realização das atividades referentes aos temas de casa aliando as tarefas extraclasse a rede social *Facebook*, amplamente difundida entre os estudantes. Na sequência, trazemos as contribuições de autores e pesquisas que investigam o potencial pedagógico deste espaço virtual.

### **O Facebook como ferramenta pedagógica**

Criado em fevereiro de 2004, pelo estudante *Mark Zuckerberg*, o *Facebook* foi desenvolvido para

## Lições de casa no Facebook: uma estratégia pedagógica alternativa no ensino fundamental

ser um espaço de conexão entre os universitários de *Harvard*, EUA. Em razão do grande sucesso que teve naquela instituição, rapidamente se expandiu para outros estados americanos (BEZERRA; BRITO, 2013). Logo, “em 2006 o *Facebook* deixa de ser uma exclusividade destes usuários, não havia nenhuma relação inicial com a educação formal [...] era tão somente e apenas uma extensão das relações de sociabilidade” (ANDRADE; AZEVEDO; DÉDA, 2012, p. 303). Posteriormente, o *Facebook* adquiriu proporções maiores e passou a “unir” o mundo:

Tornou-se uma abrangente experiência cultural compartilhada por pessoas em todo o planeta, especialmente jovens. Apesar de seu início modesto como um projeto de faculdade de um rapaz de 19 anos de idade, tornou-se uma potência tecnológica com influência sem precedentes sobre toda a vida moderna, tanto pública quanto privada. Sua composição inclui as mais diversas gerações, geografias, idiomas e classes sociais. Talvez seja, na realidade, a empresa de mais rápido crescimento de toda a história (KIRKPATRICK, 2011, p. 24).

A evolução do *Facebook* apresentada pelos autores revela o rápido e proeminente crescimento da rede social em um curto espaço de tempo. Estatísticas recentes contabilizaram que, a partir do quarto trimestre de 2016, o ambiente virtual contava com 1,86 bilhão de usuários ativos mensalmente – aqueles que acessaram a conta nos últimos 30 dias (STATISTA, 2017).

Devido ao sucesso da rede, especialmente entre o público adolescente, Bezerra e Brito (2013) citam que o *Facebook* pode ser uma alternativa aos educadores, visto que muitos estudantes estão ativos nesta rede, podendo ser usada para interações educacionais na escola e além dela. A formação de grupos neste espaço pode ser propícia à interação de estudantes e professores, como em uma sala de aula virtual, permitindo a troca de informações através de mensagens escritas, auditivas e visuais, através dos vídeos e imagens, ampliando o intercâmbio de ideias e facilitando a comunicação (MOREIRA; RAMOS, 2014). Para Mattar (2013, p. 149), o *Facebook* já pode ser considerado como uma plataforma importante na educação. Contudo, esse mesmo autor questiona o uso pedagógico da rede: “*Os alunos não se sentirão invadidos e controlados em seus espaços sociais?*”. Matos e Ferreira (2014) lembram que existem diversas plataformas específicas para o ensino e a aprendizagem, mas que o *Facebook* se torna atrativo por seu *design* e recursos fáceis de serem utilizados. Entretanto, Prado (2012) atenta para um ponto que pode passar despercebido, caso os professores desejem utilizar a rede social com os estudantes, que é o limite de idade. De acordo com os termos de uso do *site*, é preciso ter 13 anos para se cadastrar no *Facebook*:

A regra dos 13 anos segue uma lei federal dos Estados Unidos – o Ato de Proteção à Privacidade Online Infantil, ou COPPA, de 1998. Apesar de ser uma lei americana, a regra está nos termos de serviço do *site* e vale para todo o mundo, inclusive em lugares cuja legislação permite a criação de perfis para quem é mais jovem (PRADO, 2012, texto digital).

Sabe-se, porém, que, na realidade, isto é diferente. Não é difícil encontrar estudantes menores de idade pluggados no “*Face*”, como é popularmente chamado por eles. Ainda assim, não seria ético para os professores fazerem uso de plataformas das quais os estudantes, legalmente, não pudessem participar. Diante disso, caso os professores desejem utilizar a rede social em suas práticas pedagógicas, a opção é desenvolver as estratégias com estudantes acima dos 13 anos.

“Longe de entender o *Facebook* como a grande solução para os problemas educacionais, mas



percebendo a relação estabelecida entre os estudantes [...] não se pode descartar mais esta possibilidade de construção do conhecimento” (ANDRADE; AZEVEDO; DÉDA, 2012, p. 304). Para estes autores, o ambiente interativo do *Facebook* é visto como mais uma estratégia à aprendizagem, oportunizando uma extensão da disciplina fora do contexto escolar. Lembrem, também, da importância de o docente estabelecer normas claras quanto ao conteúdo das postagens, bem como o respeito de opiniões entre os usuários, como em uma sala de aula física, evitando constrangimentos. Rosado e Tomé (2015, p. 16) também são favoráveis a novas perspectivas educacionais. Consideram preocupante que muitos estudantes ainda recebam ensinamentos baseados em uma cultura analógica, “de transmissão massiva, voltada à memorização, ao uso de testes e ensino passo a passo, não compatíveis com esse novo modo de agir e pensar dos nativos”. Diante disso, recomendam às escolas que ampliem suas políticas de uso das redes sociais, pois estas fazem parte da realidade dos estudantes.

Nas redes sociais, podem ser exploradas produções autorais, como composições fotográficas, áudios, vídeos, entre outras, socializando-as coletivamente. A seguir, serão detalhados os procedimentos metodológicos percorridos para o alcance dos objetivos deste estudo.

### **Procedimentos Metodológicos**

Este estudo de caso, através de uma abordagem quanti-qualitativa, contou com a participação de três professores pesquisadores e duas estudantes do Ensino Fundamental, sendo uma bolsista de iniciação científica júnior CNPq (ICJr.) e outra voluntária. No ano de 2015, as estudantes participaram da V Feira de Ciências UNIVATES, evento de iniciação científica que ocorre anualmente em um Centro Universitário localizado no interior do Estado do Rio Grande do Sul, e foram contempladas com uma bolsa de estudos ICJr., vinculada ao projeto de extensão “*Redes Interdisciplinares: Desvendando as Ciências Exatas e Tecnológicas*”, da referida instituição.

No ano seguinte, foi elaborado e desenvolvido o estudo apresentado neste artigo, tendo sua origem a partir de observações em sala de aula. As estudantes, em conjunto com um dos professores pesquisadores, na ocasião o professor de Ciências, observaram que a maioria de seus 25 colegas, estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal, não estavam realizando as lições de casa propostas em sala de aula. Contudo, perceberam que nas ocasiões em que o professor levava a turma para o Laboratório de Informática para realizar pesquisa escolar muitos estudantes tentavam acessar escondido o *Facebook*. Além disto, as duas estudantes pesquisadoras acompanharam a rotina de seus colegas, através do *status* da rede social, e constataram que muitos deles ficavam horas *on-line*. Analisando isto, decidiu-se aliar a rede social que despertava a atenção dos estudantes com as lições de casa, acreditando que estes poderiam se sentir mais atraídos para realizar as tarefas propostas se as mesmas fossem disponibilizadas de uma maneira diferente e mais interativa, através do ambiente virtual do *Facebook*.

Para tanto, as estudantes pesquisadoras e o professor de Ciências reuniram-se semanalmente, durante aproximadamente dez meses no ano de 2016, para a realização de leituras relacionadas à pesquisa,

## Lições de casa no Facebook: uma estratégia pedagógica alternativa no ensino fundamental

como assuntos vistos em aula, elaborando, analisando e discutindo as atividades disponibilizadas aos demais estudantes. Dentre as tarefas, foram selecionados oito *objetos de aprendizagem* (FONTANA; CORDENONSI, 2015), sendo quatro em meio impresso (xerocópia) e quatro em meio digital, postados em um grupo no *Facebook*, sendo restrito aos estudantes (faixa-etária 13 anos) e professor. Os *objetos de aprendizagem* contemplaram imagens, sons, vídeos, *quiz*<sup>5</sup> e palavras cruzadas, em formatos digitais e semelhantes em meio impresso, para fins de comparação. Essas atividades foram repassadas aos estudantes semanalmente, sendo recolhidas/analizadas no decurso de um mês.

Ressalta-se que foi entregue aos estudantes e encaminhado a seus responsáveis dois documentos: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Assentimento (TA). Nesses termos, foram esclarecidos todos os procedimentos deste estudo, tendo sido assinado o TCLE pelo responsável do estudante, permitindo sua participação, e o TA pelo próprio estudante, manifestando interesse em participar do estudo. A escola também concedeu anuência à prática pedagógica, por meio da Declaração de Anuência (DA). Todos os documentos, em duas vias, foram também assinados pelos pesquisadores.

Para os estudantes que não possuíam conta na rede social ou acesso à *Internet* fora da escola, foram oferecidas apenas as atividades impressas, de modo a não se sentirem excluídos. Contudo, estes estudantes não fizeram parte das estatísticas comparativas. Assim, foram analisados e discutidos os dados de 21 estudantes, como veremos a seguir, expressos através de gráfico e quadro, elaborados no programa de planilhas eletrônicas *Excel*, no qual os estudantes são designados pela letra “A” seguida de um numeral para diferenciação (A1, A2, A3...), facilitando a compreensão visual dos resultados deste estudo.

### Resultados e Discussões

As informações dos 21 estudantes participantes deste estudo constam no Quadro 1. Nesse quadro, as atividades estão organizadas em quatro colunas principais, sendo cada coluna dividida em duas outras colunas, uma para as atividades em xerocópia (impressa) e outra para a atividade no *Facebook* (digital). Quando realizadas, as lições de casa foram destacadas com cores distintas, sendo a modalidade “impressa” em verde e a modalidade “digital” em amarelo.

---

<sup>5</sup> Quiz é o nome de uma série de questões, em forma de jogo, que tem como objetivo fazer uma avaliação dos conhecimentos dos participantes, em grupos ou individualmente. **Significado de Quiz.** Disponível em: <<https://www.significados.com.br/quiz/>> Acesso em: 29 jan. 2017.

Quadro 1. Atividades extraclasse realizadas na modalidade impressa e digital.

A L U N O	Atividade 1				Atividade 2				Atividade 3				Atividade 4			
	IMPRESSA		DIGITAL		IMPRESSA		DIGITAL		IMPRESSA		DIGITAL		IMPRESSA		DIGITAL	
	Música		Clipe musical		Imagem		Vídeo		Questionário		Quiz		Palavra cruzada		Palavra cruzada	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
A1		*	X			*	*		*	X			*	X		
A2		*		*		*	*		*		*		*		*	
A3		*		*		*	*		*		*		*		*	
A4		*	X			*	X		*		*		*		*	
A5		*		*		*	*		*	X			*		*	
A6	X		X		X		*	X		X		X			*	
A7	X		X		X		X		X		X		X		X	
A8		*		*		*	*		*		*		*		*	
A9		*		*		*	*		*		*		*		*	
A10		*	X			*	*		*		*		*		*	
A11		*		*		*	*		*		*		*		*	
A12		*		*		*	*		*		*		*		*	
A13		*		*		*	*		*		*		*		*	
A14		*		*		*	*		*		*		*		*	
A15	X		X		X		X		X		X		X		X	
A16		*		*		*	*		*		*		*		*	
A17		*		*		*	*		*		*		*		*	
A18		*		*		*	*		*		*		*		*	
A19		*	X			*	X		X		X		*	X		
A20		*		*		*	*		*		*		*		*	
A21		*		*		*	*		*		*		*		*	

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Os dados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2006), em três etapas: pré-análise, exploração das atividades e interpretação dos resultados. Na primeira etapa, as atividades foram todas lidas e previamente analisadas, de modo a se ter uma visão geral dos resultados. Após, as atividades foram organizadas em colunas comparativas, possibilitando explorar os resultados de modo mais sistêmico. Por fim, os dados foram interpretados, analisando numericamente a frequência das ocorrências e discutindo seus resultados.

Apenas 8 estudantes (38%) realizaram, pelo menos, uma das atividades propostas, independente da modalidade (A1, A4, A5, A6, A7, A10, A15, A19). Destes, somente 2 estudantes (9,5%), representados pela cor vermelha, realizaram todas as lições de casa nas modalidades impressa e digital (A7 e A15).



## Lições de casa no Facebook: uma estratégia pedagógica alternativa no ensino fundamental

O estudante destacado em laranja (A6) realizou mais atividades na modalidade impressa, totalizando 4 lições em xerocópia e 2 lições no *Facebook*, sendo uma exceção aos demais. Isso porque todos os outros estudantes, destacados em azul, fizeram as lições predominantemente na modalidade digital (A1, A4, A5, A10, A19).

Para André e Santo (2013), a tecnologia digital é mais atrativa para os estudantes, altamente plugados, pois gostam de lidar com aparatos tecnológicos e descobrir as novidades por meio destes, sendo um meio mais interessante para satisfazer suas curiosidades. Lima (2013) também ressalta a importância de pensar em uma educação mais moderna, que atenda a real curiosidade dos estudantes, permitindo desenvolver suas aptidões e deixando de lado o enfoque conteudista, muitas vezes sem sentido algum aos estudantes.

Retomando ao Quadro 1, pode-se verificar que, ainda que o número de estudantes que realizou as lições de casa seja baixo, a predominância das atividades ocorreu na modalidade digital, realizadas 21 vezes (62%), em oposição às cópias impressas, 13 vezes (38%), conforme pode ser melhor visualizado através do Gráfico 1.

Gráfico 1. Modalidade predominante na realização das atividades extraclasse.



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Concordamos com Fontana e Cordenonsi (2015) sobre os objetos de aprendizagem estimular o interesse dos estudantes, tornando os conteúdos mais interativos. Contudo, mesmo oportunizando

atividades virtuais diferenciadas aos nativos digitais (PRENSKY, 2001), o retorno das lições de casa se limitou a pouco mais de um terço (1/3) dos estudantes.

Possivelmente, os demais estudantes julgaram as lições desnecessárias, como apontado por Mendes (2013), já que com a existência do *Google* parece não haver sentido construir conhecimentos, pois qualquer informação está disponível em um clique, em poucos segundos. Ainda, o interesse por outras atividades ou a visão de punição podem ser fatores limitantes à realização das tarefas (PADIAL, 2013; FUJIMOTO; MARTINS, 2013).

Em relação aos prazos estabelecidos para a execução das lições de casa, somente um estudante publicou uma atividade (digital) fora da data agendada. Quanto a qualidade das tarefas realizadas, estas foram positivas nas duas modalidades. Os estudantes que fizeram as lições se dedicaram para a adequada resolução das tarefas.

### Considerações Finais

A lição de casa acompanha, em algum momento, a vida escolar dos estudantes. Contudo, entre o receber a tarefa e a real efetivação da mesma pode haver um grande distanciamento. Diante das constantes inovações tecnológicas e da atração dos estudantes pelas tecnologias, não é de se admirar que muitos não realizam as lições de casa, seja por desinteresse, desgosto ou falta de tempo, já que a tecnologia os envolve muito.

A proposta desta pesquisa foi aproximar a tecnologia, em especial a rede social *Facebook*, das lições de casa, para uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental, na expectativa de tornar as tarefas extraclasse mais atrativas e significativas. Constatamos que, mesmo com atividades diferenciadas, pouco mais de um terço (1/3) dos estudantes fizeram as lições, sendo que as tarefas digitais se destacaram na preferência dos mesmos, com quase dois terços (2/3) realizadas, em comparação com as executadas na modalidade impressa. Portanto, podemos afirmar que a maioria dos estudantes dessa turma realizou as tarefas virtualmente demonstrando a preferência a esta com relação às atividades em papel. Por ser um estudo de caso, não podemos concluir em termos gerais, pois seria preciso avaliar contextos socioeconômicos e culturais.

Ainda que a adesão dos estudantes na realização das lições de casa foi baixa, possibilitamos novas alternativas para o seu desenvolvimento. Ao aproximar a tecnologia do contexto escolar, fazendo uso de um espaço virtual em que os estudantes gostam de estar, abrem-se novas portas ao fazer pedagógico, levando em conta a realidade dos nativos digitais.

O tempo em que vivemos é de intensas e rápidas mudanças em toda a sociedade, e a escola como parte integrante desta também está a se adaptar. Muitas possibilidades surgem a cada dia, cabe testar, avaliar, repensar, reavaliar. Acreditamos que a rede social *Facebook* apresenta potencial como ferramenta pedagógica, já que os destaques da pesquisa ocorreram nesta modalidade, sendo necessários estudos mais aprofundados sobre o assunto.

## Agradecimentos

Agradecemos às bolsistas Adrieli Solara de Lima Marques (bolsista CNPq ICJr.) e Valentine Becker de Azevedo (bolsista voluntária), que participaram do presente estudo.

## Referências

- ALENCAR, G. A.; MOURA, M. R.; BITENCOURT, R. B. Facebook como Plataforma de Ensino/Aprendizagem: o que dizem os Professores e Alunos do IF Sertão-PE. **Educação, Formação & Tecnologias**, v. 6, n. 1, p. 86-93, 2013. Disponível em: < <http://eft.educom.pt/index.php/eft/article/view/321>>. Acesso em 30.03.2017.
- ANDRADE, P. B.; AZEVEDO, D. S.; DÉDA, T. de A. Práticas de ensinagem e redes sociais na internet: um estudo de caso do Facebook como ambiente de aprendizagem. In: 3º Simpósio Educação e Comunicação, **Anais...** 17 a 19 set. 2012.
- ANDRÉ, B.P.; SANTO, J. A. do E. As Contribuições das Tecnologias da Informação e da Comunicação - TIC's para o Ensino da Educação Básica. **E-escrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, Nilópolis, v. 4, n. 2, 2013. Disponível em: <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/view/827>. Acesso em: 30.03.2017.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BEZERRA, J. C. C.; BRITO, S. de O. Redes Sociais como ferramenta pedagógica: O caso do projeto e-Jovem. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABED DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2013, Salvador, Bahia. **Anais...** Salvador: ABED, 2013.
- CANABARRO, M.M.; BASSO, L. de O. Os Professores e as Redes Sociais: É possível utilizar o *Facebook* para além do “curtir”? **Novas Tecnologias na Educação**, v. 11, n. 1, jul. 2013. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/41625/26405>>. Acesso em: 30.03.2017.
- CARVALHO, M.E.P. de. O dever de casa como política educacional e objecto de pesquisa. **Revista Lusófona de Educação**, n. 8, p. 85- 102, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n8/n8a06.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2013.
- FONTANA, F.F.; CORDENONSI, A. Z. TDIC como mediadora do processo de ensino aprendizagem da arquivologia. **Ágora**, Florianópolis, v. 25, n. 51, p. 101-131, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/view/0000017894/cbe217f68913be2cd1a7379c755450df>>. Acesso em: 30.03.2017.
- FUJIMOTO; A. de O. P.; MARTINS; R. A. Z. A lição de casa no processo ensino aprendizagem: um estudo de caso em Itapevi/SP. **Revista dos Discentes da Faculdade Eça de Queirós**, ano 2, n. 2, ago. 2013. Disponível em: < <http://www.faceq.edu.br/e-faceq/downloads/numero02/7%20A%20li%C3%A7%C3%A3o%20de%20casa.pdf>>. Acesso em: 30.03.2017.
- KIRKPATRICK, D. **O efeito Facebook**. Tradução Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.
- LIMA, T. R. de. **Dever de casa**: os diferentes pontos de vista. 2013. 45 p. Monografia (Curso de Pedagogia) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2013.
- MATOS, E.L.M.; FERREIRA, J. de L. A utilidade da rede social *Facebook* no processo de ensino e aprendizagem na universidade. In: PORTO, C.; SANTOS, E. (Orgs.) **Facebook e educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014.
- MATTAR, J. **Web 2.0 e redes sociais na educação**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.
- MENDES, F. R. **Meu filho não quer estudar**. Porto Alegre: Autonomia, 2013.

MORAN, J.M. Informática na Educação: **Teoria & Prática**, v. 3, n. 1, p. 137-144, set., 2000.

MORAN, J.M.; MASETTO, M.T.; BEHRENS, M.A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 13 ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MOREIRA, L.; RAMOS, A. *Facebook* na formação contínua de professores para o uso de tecnologias digitais. In: PORTO, C.; SANTOS, E. (Orgs.) **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

PADIAL, K. Lição de casa: sua escola se preocupa com ela? Título original: Uma lição para toda a escola. **Revista Gestão Escola**, ed. 26, jun./jul. 2013. Disponível em: <<http://gestaoescolar.org.br/conteudo/232/licao-de-casa-sua-escola-se-preocupa-com-ela>> Acesso em: 25 nov. 2016.

PRADO, A.C. **Proibido para menores de 13 anos, Facebook é cheio de crianças**: saiba como protegê-las. 09 mar. 2012. UOL, São Paulo. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2012/03/09/proibido-paramenores-de-13-anos-facebook-e-cheio-de-criancas-saiba-como-protege-las.jhtm>> Acesso em: 10 dez. 2015.

PRENSKY, M. **Digital natives, digital immigrants**. On the Horizon. NBC University Press, v. 9, n. 5, oct. 2001.

ROSADO, L.A.da S.; TOMÉ, V.M.N. As redes sociais na *Internet* e suas apropriações por jovens brasileiros e portugueses em idade escolar. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 96, n. 242, p. 11-25, jan./abr. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-66812015000100011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812015000100011). Acesso em: 30.03.2017.

SILVA, M.T.C. da; SALGADO, P.F.P. Redes sociais, em especial o Facebook, na interpretação das possibilidades de ações das práticas docentes no ensino. Uma ferramenta capaz de agir diretamente no processo didático-pedagógico. **SIED: EnPED-Simpósio Internacional de Educação a Distância e Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância**, 2016.

STATISTA. **Number of monthly active Facebook users worldwide as of 4th quarter 2016 (in millions)**. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/264810/number-of-monthly-active-facebook-users-worldwide/>> Acesso em: 23 fev. 2017.